

# Pesquisa da UFBA reforça tese da toxina

**Salvador (BA)** — Pesquisadores do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA) reforçaram, ontem, a tese de que a tragédia da hemodiálise de Caruaru (PE) foi provocada pela contaminação da água pela toxina Microcistina LR, produzida por algas do gênero *Microcystis*.

Um caso de intoxicação semelhante pela toxina provocou a morte de 88 pessoas por gastroenterite em 42 dias na região da barragem de Itaparica, na fronteira da Bahia com

Pernambuco, em 1988.

O médico Eduardo Hage, que trabalhou na equipe de pesquisadores de Itaparica, disse que a diferença entre os dois casos está na forma da contaminação.

“Na região da barragem as pessoas morreram pela ingestão da água, enquanto no caso da hemodiálise a toxina atuou de forma mais letal por ter entrado em contato com o sangue”, explicou.

A produção de Microcistina LR aumenta quando ocorre a prolifera-

ção das algas pela presença de material orgânico nos mananciais.

**Identificação** — Hage revelou que na época da epidemia de gastroenterite em Itaparica a primeira pessoa que conseguiu identificar a toxina no Brasil foi a bióloga Sandra Oliveira Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os pesquisadores formularam a hipótese da intoxicação por um microrganismo produtor de toxina depois que moradores da região da barragem contraíram gastroenterite

mesmo após beberem água do lago tratada pelos métodos tradicionais como fervura, cloração, decantação e filtração. A toxina Microcistina LR só é sensível ao sulfato de cobre.

A publicação da pesquisa no lago de Itaparica resultou para os pesquisadores baianos no Prêmio Fred Soper, outorgado em 95 pela Organização Pan-Americana de Saúde ao trabalho científico que mais contribuiu para a saúde pública das Américas e Caribe.